

EDITORIAL

Este é o primeiro número da publicação “*Memórias do Desenvolvimento*” do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento – CICEF. O objetivo desta brochura é apresentar ao público atual artigos que tenham marcado o debate sobre o desenvolvimento no Brasil e no mundo. Para esta primeira edição estamos re-editando o debate travado entre Celso Furtado e Ragnar Nurkse, publicado pela *Revista Brasileira de Economia (RBE)* da Fundação Getúlio Vargas no início dos anos 1950. Este debate originou-se de seis conferências pronunciadas pelo economista Ragnar Nurkse sobre a formação de capitais em países subdesenvolvidos, no Rio de Janeiro, no ano de 1951. No mesmo ano a *RBE* publicou-as, o que motivou a resposta da equipe da CEPAL. Coube a Celso Furtado redigir o texto refutando as idéias de Nurkse, que respondeu e o debate acendeu-se. O Centro Celso Furtado agradece ao editor da *RBE* a gentileza de autorizar esta re-publicação.

OS PERSONAGENS E SEU TEMPO

Os anos 1950 marcaram a história brasileira pelo debate sobre o desenvolvimento econômico nacional. Desde 1930 o governo orientava a política na busca da solução para o problema do atraso do país, através da centralização política e da expansão do controle da economia, seja pela regulação da atividade econômica, seja pela formulação de planos para o desenvolvimento de setores considerados estratégicos, seja pelos planos nacionais (Furtado, 2007, Martins, 1976, Draibe, 1985).

Os anos pós-1945 foram efervescentes para o Brasil e para os demais países latino-americanos. O diagnóstico sobre o atraso econômico do continente havia sido profundamente influenciado pelo chamado *Manifesto*

6 ■ MEMÓRIAS DO DESENVOLVIMENTO

de Raul Prebisch, de 1949, que marca o início de sua direção na Comissão Econômica Latino-Americana (CEPAL). Cômico de que aquelas idéias iriam revolucionar o pensamento político-econômico da América Latina, Celso Furtado solicitou a Prebisch a permissão para traduzi-lo para o português e encarregou-se de apresentar o ensaio à comissão editorial da *Revista Brasileira de Economia*. Esta era dirigida por Arízio de Viana, mas o Professor Eugênio Gudin tinha a derradeira palavra no que seria publicado ou não na revista; finalmente o texto de Prebisch foi aprovado e, nas palavras de Furtado, foi através desta publicação que o “*manifesto*” fundador da escola cepalina teve sua primeira ampla difusão no continente latino-americano (1985, 63).

No final daquela década, o Brasil apresentou altas taxas de crescimento, um aumento de seu parque industrial e do emprego, resultados, em grande parte, dessa orientação desenvolvimentista. Nas palavras de Furtado: *No primeiro ano do Governo Vargas (1951) as importações de bens de capital aumentam 72 por cento, e se mantêm nesse elevado nível no ano seguinte. A taxa de inversão líquida, que era inferior a dez por cento em 1949, aproxima-se de treze por cento em 1951 e alcançará quatorze por cento em 1952. Pela primeira vez no Brasil adotava-se uma política decididamente industrialista* (1985, 145). Dentro desta perspectiva, uma das principais facetas do debate encontrava-se na necessidade de formação de capital para o desenvolvimento econômico do país e sua origem. Outra importante questão era a participação dos setores público e privado na formação deste capital e, ainda, os possíveis resultados da participação do capital estrangeiro.

Uma das instituições promotoras deste debate foi a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Esta tinha sido fundada em 1944 e constituía-se em um dos principais centros de pesquisa econômica do Brasil. Com o objetivo inicial de contribuir para a formação de administradores públicos e privados no país, teve seu escopo de atuação ampliado, voltando-se para a pesquisa e a informação no campo das ciências sociais como um todo. No ensino de economia teve papel destacado e inaugurou no Brasil a primeira pós-graduação nesta área (EPGE). Alguns de seus projetos foram a elaboração das contas nacionais, dos índices econômicos e do balanço de pagamentos, além da produção dos periódicos: *Revista Brasileira de Economia (RBE)* e a *Conjuntura Econômica*. Estes são exemplos de sua contribuição para o debate sobre economia brasileira e seu desenvolvimento.

A *Revista Brasileira de Economia*, editada por Arízio de Viana e Eugênio Gudin, no Instituto Brasileiro de Economia da FGV, em 1947, foi a primeira

publicação nacional dedicada exclusivamente aos assuntos econômicos e representava, em muitos aspectos, o pensamento das correntes mais liberais. A partir de seu segundo número, a *RBE* passou a publicar conferências de palestrantes internacionais convidados para incrementar o debate nacional. As três primeiras conferências publicadas foram dos economistas Gottfried Habeler, austríaco que estudava principalmente a área de comércio internacional; Hans Wolfgang Singer, alemão que trabalhava com desenvolvimento econômico; e Jacob Viner, canadense que contribuiu para diversas áreas da economia. A quarta conferência foi proferida por Nurkse e seu conteúdo será apresentado nesta Revista. O Brasil tornava-se um centro de debates sobre a problemática do desenvolvimento e as palestras do Professor Ragnar Nurkse, segundo Furtado, contribuíram para o desenvolvimento da temática do intercâmbio entre países industrializados e produtores de matérias-primas.

O economista Ragnar Nurkse (1907-1959), nascido na Estônia, destacou-se nas áreas de economia internacional, finanças internacionais e desenvolvimento econômico. Formou-se nas Universidades de Tartu (Estônia) e de Edimburgo (Reino Unido). Nesta última, obteve o grau em Economia, em 1932. Trabalhou em Viena entre 1932 e 1934, onde publicou artigos e conheceu economistas da escola austríaca como Haberler, Mises, Hayek, Machlup, Morgenstern, entre outros.

Trabalhou na Liga das Nações entre 1934 e 1945, onde esteve envolvido com diversas publicações do órgão, entre elas o anuário *Monetary Review*, a *The Review of World Trade* e *World Economic Surveys*. A partir de 1945, tornou-se professor da Universidade de Columbia (Nova Iorque). Em 1958 e 1959, foi estudar desenvolvimento econômico em Genebra, onde faleceu subitamente. A maioria de seus últimos trabalhos sobre os problemas do desenvolvimento econômico e o comércio internacional resultou das suas conferências nas cidades do Cairo, Istambul, Rio de Janeiro, Cingapura e Estocolmo, assim como seus cursos em Columbia.

O outro interlocutor deste debate é o economista brasileiro Celso Furtado (1920-2004), natural do estado da Paraíba, advogado, segundo tenente da FEB, doutor em economia em 1948 pela Universidade de Paris-Sorbonne (França) com uma tese sobre a economia colonial brasileira. Iniciou sua vida profissional na recém-criada Comissão Econômica para América Latina (CEPAL), órgão das Nações Unidas, em 1949, ao lado do argentino Raul Prebisch.

8 ■ MEMÓRIAS DO DESENVOLVIMENTO

Furtado foi um dos mais fecundos pensadores brasileiros, além de ter tido uma participação política marcante. Nos anos 1950, presidiu o Grupo Misto CEPAL-BNDE, esteve como pesquisador visitante no King's College da Universidade de Cambridge (Inglaterra), assumiu uma diretoria do BNDE e, em 1959, participou da criação e direção da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Foi Ministro do Planejamento no Governo João Goulart e, com o golpe militar em 1964, teve seus direitos políticos cassados por dez anos. Nos anos de exílio, morou no Chile, nos Estados Unidos e, em 1965, mudou-se para a França. Assumiu a cátedra de Desenvolvimento Econômico da Universidade de Paris-Sorbonne, permanecendo por vinte anos nos quadros da universidade. Com a anistia retornou à política, e foi Ministro da Cultura no Governo José Sarney. Faleceu no Rio de Janeiro em 2004.

Esta revista sobre a memória do desenvolvimento, uma publicação do CICEF, um centro de estudos sobre o desenvolvimento econômico, fundado em honra de Celso Furtado, escolheu a troca de idéias entre estes dois insígnies economistas como ilustração desse debate. Para Furtado foi grande a importância das conferências de Nurkse porque elas chamavam a atenção para a questão do subdesenvolvimento, problema do mundo real. Para ele comentá-las foi imperioso: “Rompe-se o diálogo de surdos: deixávamos de lado as caixas vazias das teorias puramente dedutivas para abordar a realidade do subdesenvolvimento de um ângulo teórico” (Furtado, 1985, 149).

Assim, em 1952, o Professor Celso Furtado publicou um artigo na *RBE*, comentando o que considerava aspectos importantes das Conferências de Nurkse e sua interpretação sobre pontos controversos. Nurkse respondeu no ano seguinte, também através de um artigo na *RBE*, explicando as questões que considerava terem sido mal interpretadas por Furtado. Estes dois artigos também estão aqui publicados. O debate entre os professores Nurkse e Furtado é representativo daquele momento em que a discussão sobre o desenvolvimento econômico no país estava em voga e estes artigos foram significativas trocas daquelas idéias. Furtado discordava do enfoque “círculo vicioso da pobreza” utilizado por Nurkse na sua caracterização dos países atrasados e afirmava que “as teorias não surgem fora de época: se não existe uma teoria do desenvolvimento é que até recentemente inexistia preocupação com o tema” (Furtado, 1985, 150). Discorria sobre as diferenças entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos colocando de forma pioneira

estas idéias no seio da debate. O artigo de Furtado repercutiu internacionalmente e em 1953 foi publicado pelo *International Economic Papers*, revista da AIE que reunia contribuições teóricas relevantes em outros idiomas.

Leiam os textos e querendo aprofundá-los recomendamos a leitura de um dos livros de memória de Celso Furtado, *A Fantasia Organizada* (1985), particularmente os capítulos IX e X.

Boa Leitura!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DRAIBE, Sonia. Rumos e metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil, 1930-1960. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FURTADO, Celso, Formação Econômica do Brasil, São Paulo, Companhia das Letras, 2007, primeira edição de 1959.

FURTADO, Celso, A Fantasia organizada, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, 5.edição.

MARTINS, Luciano, Pouvoir et développement économique. Paris, Anthropos, 1976.